

# GLOSA DE GUIDO CAVALCANTI

**Caio Gagliardi\***

Na obra de Jorge de Sena, “Glosa de Guido Cavalcanti” (11/06/1961), publicado em *Peregrinatio ad loca infecta* (1969), está entre os poemas notáveis sobre a imagem do exilado no seio da própria pátria. A passagem “e morrerei / no exílio sempre”, que permite ser lida como um princípio de vida, é um dos axiomas centrais de sua obra. O poema dialoga com uma balada de Guido Cavalcanti, importante poeta florentino do século XIII, enviado para o exílio após a vitória guelfa no conflito com os gibelinos. Cavalcanti retorna do exílio já muito doente e morre logo depois de chegar a Firenze. Modernamente, é um poeta reapreciado, tornou-se uma das máscaras recorrentes de Ezra Pound, seu tradutor para o inglês, e sua “Ballata XI” figura como dos mais citados poemas de exílio da literatura italiana. Como o poeta já não espera retornar à terra natal, envia à amada o poema como mensageiro de seus sentimentos, referindo-se a ele como “Ballatetta”, Baladinha (“vai tu, leve e ligeira”). Já nos últimos versos, a referência migra do poema para a própria alma do poeta (cuja imagem se confunde evidentemente com o eu lírico), fazendo do poema a sua materialização metafórica: “Tu, alma, vai, adora-a”.

Entre as suas muitas emulações e traduções, a balada de Cavalcanti rendeu uma versão para o português de Bruno Tolentino, o belo poema “Ballatetta”, de Mario Faustino (também tradutor do original), a “Baladeta à moda toscana”, de Haroldo de Campos, e o irreverente “Arrivederci”, de Érico Nogueira. Em todos eles, em que pesem as suas muitas diferenças, o objeto de desejo do eu lírico permanece sendo a(o) amada(o).

Já em “Glosa de Guido Cavalcanti”, sua referência é a pátria. Repare-se que a palavra “glosa” indica o seu procedimento de escrita, que será o desenvolvimento da epígrafe de Cavalcanti, “Perchi’ I’no spero di tornar

giammai”, traduzida no *incipit* como “Porque não espero de jamais voltar”. A expressão “Porque não espero” é um refrão repetido seis vezes. Provavelmente não passou despercebido por Sena, ao formular sua chave de prata, ser este o mesmo procedimento de que se vale T. S. Eliot em “Ash Wednesday” (1930), em cuja abertura se lê “Because I do not hope to turn again”.

É engenhoso o modo como Sena estrutura o seu poema, como se fosse um soneto, com padrão decassilábico e rimas nos tercetos, mais um verso. O décimo quarto verso cumpriria a função de arrematá-lo, mas cede lugar à chave de ouro isolada, bem à altura da tensão alimentada nos demais: “porque não espero, espero contentado”. Literalmente, a conclusão faz referência ao *modus vivendi* do poeta: por não esperar viver de outro modo, isto é, na terra natal e reconhecido, vive dignamente. Reitera-se aqui o tema seniano do exílio como condição vital, e não como martírio. Note-se o jogo de linguagem que é proposto no último verso, uma vez que “esperar” se apresenta em sua dupla acepção: primeiramente, “ter esperança”, e em seguida “aguardar” – porque não tenho esperança, aguardo contentado.

Quando lido à luz do poema sete séculos mais velho, fica claro que a “Glosa” não se identifica simplesmente com a perspectiva presente na epígrafe. No poema florentino o eu lírico lamenta a impossibilidade de retorno e canta, como quem está para morrer, para que seu poema sobreviva a si e leve seu amor à amada. Esse desejo de transcendência contrasta com a fidelidade ao mundo presente na “Glosa” de Sena, em que o eu lírico não espera que Portugal se transforme num outro país, tampouco anseia por uma salvação depois da morte. Ao invés disso, ele converte o exílio no alimento de seu espírito.

Este poema integra, portanto, uma rica tradição de reescritas da balada italiana e em muito se beneficia desse contexto. O autor aborda aqui o exílio de modo aparentemente imperturbável, de uma perspectiva tipicamente estoicista, tal como apresentada nos versos de exílio de Sêneca, que aceita seu

destino. Mas a repetição da expressão “Porque não espero” gera uma forte tensão no poema, como se o drama do exílio ovidiano, que não está patente, permanecesse latente no texto. O eu lírico considera que a pátria não está pronta para reconhecê-lo, embora ele a respeite e reconheça. A tensão entre o que afirma e o que de fato sente diz respeito ao traço porventura mais tocante desta composição: “Glosa de Guido Cavalcanti” é um poema denegativo, um texto no qual Sena se defende da própria sede de reconhecimento ao recusar admitir como seu esse desejo expresso anteriormente tanto em verso quanto em prosa.

---

\* Professor de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo, onde coordenada o grupo *Estudos Pessoaanos* ([www.estudospessoanos.fflch.usp.br](http://www.estudospessoanos.fflch.usp.br)). Jorge de Sena ocupa posição central em disciplinas que aí ministra, tendo sobre ele publicado alguns ensaios, sendo dois deles em coautoria com Daiane Walker Araujo, sua orientanda no Mestrado, obtido com a dissertação *Jorge de Sena e a recusa dialética ao fingimento pessoano* (USP, 2017). É autor, entre outros, de *O renascimento do autor – autoria, heteronímia e fake memoirs* (2019) e organizador do volume de ensaios *Fernando Pessoa e Cia. não heterônima* (2019), além das obras *Fernando Pessoa – Teatro do êxtase* (2013), *Raul Pompéia – O ateneu* (2008) e *Fernando Pessoa – Mensagem* (2007).